



*Nova Atena*  
Saber e Bem-Estar


Não há ABRIL  
como o nosso!



Nova Atena

2024

<b>ÍNDICE</b>		
<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>PÁGINA</b>
António Praça	E tudo mudou de repente	2
Carlos Baptista	25 de Abril	3
Carlos Duarte	Algumas das minhas memórias do 25 de Abril de 1974	5
Faustino Vital	Depois do longo Inverno cinzento	8
Faustino Vital	Não fechem as portas	9
Faustino Vital	25 de Abril de 1974, sempre	10
Fernando Baptista	Anúncio de jornal	12
Fernando Baptista	Ó quem procura sabe	14
Francisco Lourenço	Sejam cravos, sejam rosas!	15
Graça Cêncio	Querida netinha Matilde e querido netinho João	16
Graça Cêncio	“O problema não é meter o mundo no poema, O problema é torná-lo habitável”	18
Graça Cêncio	“O problema não é meter o mundo no poema, O problema é torná-lo habitável”	19
Luísa Machado Rodrigues	Do pré ao pós-25 de Abril 74	20
Maria de Lourdes Santos	Micas Jardim Craveiro	23
Maria Silveira	Abril 74	25
Marina Brandão Lucas	L'Aeroporto è chiuso	26
Mitú Branco	Mãe! Mãe!	28
Mitú Branco	Mãe	29
Pilar Encarnação	Naufrágio (conclusão)	30
Regina Ferreira	Portugal é o meu país	32
Teresa Melo	Que o tempo não “volte para trás”	33
Vítor Carvalho	Como eu vivi o 25 de Abril	35



# Desfiando o fio da escrita

E tudo mudou de repente  
Permitindo a todos abertamente falar  
Sem medo de sermos presos por um agente  
Que o Estado tinha para nos espiar.  
Aquela guerra inútil iria acabar  
Evitando mais jovens mortos e estropiados  
Que tantas mães tiveram de chorar  
Jovens que por um ditador tinham sido enganados.  
Irámos viver em democracia  
Votando no que as nossas ideias defendiam  
Acabando-se com o analfabetismo de uma maioria  
Para poderem conhecer o que aqueles escreviam.  
E a Mulher já não iria de o Homem depender  
Deixando de sofrer do seu machismo intolerável  
E somente “dona de casa” deixaria de o ser  
Para poder ser livre e mentalmente saudável.  
Poderíamos escolher qualquer religião  
Não sendo obrigatório fazê-lo  
Dependendo apenas da nossa decisão  
Religioso, ateu ou agnóstico sê-lo  
Por tudo isto e muito mais  
Comemoramos o “25 de Abril” alegremente  
Esperando que uma ditadura volte jamais  
Para que continuemos livres saudavelmente  
E embora hoje não seja possível um abraço presencial  
Fica aqui um afastado “abraço” para todos vós  
Porque a amizade sendo para todos essencial  
Vive dos afetos que fortificam todos nós

**António Praça**



# Desfiando o fio da escrita

## 25 Abril

E o poeta Alegre disse” Mesmo na noite mais triste/em tempos de servidão/há sempre alguém que resiste/há sempre alguém que diz não”

O poeta tinha razão, eram tempos de servidão. Até Abril de 1974 Portugal vivia governado por uma ditadura, que durou mais de quarenta anos, e que controlava a população usando a PIDE, a polícia política de então, como arma de arremesso contra quem quer que discordasse do governo e de quem o apoiava. Esta polícia política criou uma rede tentacular de “bufos”, informadores que secretamente denunciavam quem se opusesse, por opiniões ou por atos, ás políticas vigentes. Muitos opositores foram presos e torturados, e alguns mortos como a Catarina de Baleizão ou o pintor Coelho.

Mortos pelas balas da polícia, não porque fossem criminosos, mas apenas porque tinham opinião diferente, ou porque se manifestavam contra alguma injustiça. Toda a informação e toda a manifestação cultural, antes de ser publicada era controlada pela Censura. Os jornais e a radio antes de noticiarem eram obrigados a sujeitar os textos ao censor que autorizava ou não a publicação. Muitos e bons livros, muitas e boas músicas foram proibidas. Para os mais novos talvez seja difícil perceber como era possível controlar a informação, hoje a informação é difundida a velocidades estonteantes e sem nenhum controle pelas televisões e pelas redes sociais da internet. Como é, praticamente, impossível esconder informação os atuais ditadores usam outras táticas. Lançam boatos para confundir as populações. Mas, apesar do perigo que corriam, muitos foram os que, clandestinamente, continuaram a lutar contra a ditadura. Eram sobretudo os estudantes, os intelectuais e os sindicatos quem mais lutava.

Depois veio a guerra colonial. Quando atingiam os vinte anos, os jovens eram obrigados a ingressar na tropa e depois, contra a sua vontade, a participar na guerra injusta. Alguns desertaram, fugiram e foram viver para o estrangeiro. Muitos foram os que morreram na guerra e muitos foram os que voltaram feridos ou mutilados. O povo vivia pobremente revoltado e na ignorância, sem liberdade e sem direitos. Até ao dia em que estalou a revolução.

E a poetisa Sophia disse “Esta é a madrugada que eu esperava/o dia inicial inteiro e limpo/onde emergimos da noite e do silencio/e livres habitamos a substância do tempo.”

A guerra no Ultramar tinha gerado um enorme descontentamento nas Forças Armadas, e um grupo de capitães foi preparando, na clandestinidade, um golpe militar que derrubasse a ditadura opressiva que governava Portugal. Na madrugada de 25 de Abril de 1974 várias unidades militares invadiram Lisboa. As tropas que apoiavam o regime apanhadas de surpresa, mal reagiram e foram facilmente

controladas pelos revoltosos. As rádios aconselhavam a população a não sair de casa. Naquela manhã as incertezas eram muitas. Temia-se o começo de uma guerra civil. Mas o povo não teve medo e saiu á rua para apoiar os corajosos militares, que também eram povo. Ao lado dos carros de combate, cravos na mão sorriso nos lábios e os olhos brilhantes de emoção e alegria, o povo agradecia aos militares a devolução da liberdade. O Largo do Carmo, em cujo quartel o Presidente do Conselho de Ministros se tinha refugiado, a abarrotar de gente, de carros de combate e de soldados era o palco principal da revolução. Exigia-se a rendição de Marcelo Caetano. Foram horas de espera, e de esperança. Foram disparados tiros de aviso contra a fachada do quartel, a população não temeu, não arredou pé. Ficou ali firme, até à rendição do governo. Eu estava lá e vi.

O êxito da revolução deveu-se, sem dúvida, ao grande apoio popular. Seis dias depois, comemorou-se, pela primeira vez em liberdade, o 1º de Maio dia do trabalhador. Era tanta gente, tanta gente na Alameda D. Afonso Henriques! Eram as bandeiras dos partidos e dos sindicatos agitadas em ar de festa. Era um mar de liberdade e alegria de uma população, finalmente libertada das garras do fascismo. Eu estava lá e vi e, ainda hoje, me comovo quando lembro aquele dia.

O país passou a ser governado por um governo provisório, controlado pelo Movimento das Forças Armadas. Um ano depois foi eleita, em eleições livres, democráticas e universais, a Assembleia Constituinte. E assim nasceu a nossa Constituição livre e democrática que nos rege ainda hoje, passados cinquenta anos e que, espero, dure outros tantos. Os soldados regressaram aos quartéis e o poder foi devolvido ao povo.

E o poeta Ary disse “As portas que Abril abriu”

Abril abriu a porta da democracia. Quem nos governa é eleito periodicamente em eleições livres e universais.

Abriu a porta da igualdade. Todos, de qualquer sexo, de qualquer religião, de qualquer raça, somos iguais e temos os mesmos direitos.

Abriu a porta da liberdade. Da liberdade de associação, de opinião e de expressão.

Abriu a porta á educação. O tempo de escolaridade obrigatória foi aumentado e o número de analfabetos foi diminuindo e hoje é quase zero.

Abriu a porta a legislação de trabalho mais justa, que melhor protege o trabalhador.

Abriu a porta á saúde para todos, sendo criado o SNS que, apesar de muitos defeitos, é dos melhores do mundo.


Abril fechou a porta ao fascismo, aos bufos, à polícia política, ao capitalismo monopolista, à submissão da mulher ao homem e a toda a desigualdade de género, ao racismo assumido, etc.

VIVA o 25 de Abril, VIVA a Democracia e VIVA a LIBERDADE.

**Carlos Baptista**

Abril 2024

P.S. Quando as televisões anunciavam os resultados das últimas eleições legislativas senti na cara uma brisa gelada que me amedrontou a alma. Espero que não seja a porta entreabrir-se para deixar entrar, outra vez, a ditadura e o fascismo.



# Desfiando o fio da escrita

## **Algumas das minhas memórias do 25 de abril de 1974**

Estava em Angola quando ocorreu o 25 de Abril. Quatro anos antes terminara um período de serviço militar obrigatório, como oficial miliciano, que me sequestrou durante 39 meses. Não tendo ido nessa altura ao Ultramar, como então se dizia, o regime impôs-me nova convocatória, em finais de 1972, agora para frequentar o Curso Para Capitães (CPC).

Nessa altura já não havia capitães do quadro permanente em número suficiente para comandar as companhias e assegurar a continuação da guerra nas colónias. Os jovens que terminavam o ensino secundário já não desejavam como futuro profissional a carreira militar. Eram cada vez em menor número os que se candidatavam às academias militares. E, por isso, sendo os ex-oficiais milicianos (alferes) que não tinham sido mobilizados para a guerra das colónias o elo mais fraco, a solução encontrada pelo regime foi obrigá-los a cumprir um novo período de serviço militar, para, após formação, assumirem o comando das companhias que iriam combater nas colónias.

Assim, alguns meses depois de ter terminado o CPC, vi-me mobilizado para Angola, promovido a capitão, e a comandar uma companhia de artilharia. Tinha sob a minha responsabilidade mais de 170 homens, entre alferes, sargentos e praças.

O meu CPC era constituído por umas largas dezenas de jovens, cerca de sessenta, creio, entre os 28 e os pouco mais de 30 anos. Todos arrancados às suas vidas profissionais, nas mais variadas actividades, para “servir a pátria”. Curioso foi descobrir que entre os elementos da minha turma do CPC havia um bufo. Para vigiar e dar informações sobre o que pensavam e o que diziam os futuros capitães, o regime infiltrara um informador da PIDE. Pouco tempo após ter sido descoberto, e por cada um de nós sentir a obrigação de alertar o grupo sempre que o mesmo aparecia, gritava-se alto, dizendo “*atenção que está a entrar o bufo*”. Após ter sido descoberto e denunciado, este personagem desapareceu e não tornou mais ao curso.

À chegada a Angola, em 21 de Novembro de 1973, a minha Companhia foi destacada para fazer operações de intervenção no norte, numa zona muito próxima da cidade do Quitexe, onde, em 1961, ocorreram as primeiras acções de guerrilha, por parte da FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola). Fazíamos períodos de três semanas de actividade operacional nessa zona, alternando com períodos, também de três semanas, em Luanda, para descanso do pessoal.

Quando se deu o 25 de Abril, estava a gozar um período de férias em Moçâmedes (Namibe, actualmente), com minha mulher e a minha filha bebé, acabada de fazer 2 anos. Estávamos alojados no Hotel Moçâmedes, em plena baixa da cidade. Subitamente, começaram a circular rumores entre os hóspedes de que tinha havido qualquer coisa de grave no “puto”, que era como se referiam a Portugal Continental. Não se conseguia saber nada de concreto sobre o que tinha acontecido. Não havia ainda internet, a rádio local dava, sobretudo, notícias regionais, e eu, a cerca de mil quilómetros de Luanda, não tinha forma de contactar o meu Comando de Batalhão. Assim, só tomei conhecimento da revolução do 25 de Abril quando, finalmente, regressei a Luanda. Diariamente, o comando do Batalhão recebia notícias sobre a situação através dos Serviços de Informações Militares, e tudo o que se passava na Metrópole era-nos dado a conhecer em reuniões, também diárias, do Batalhão com as Companhias.

Pensei, então, que a “minha guerra”, a guerra em Angola bem como nas outras colónias portuguesas, terminaria em breve. Pura ilusão! Eu, bem como os outros comandantes de companhia que integravam o COTI 2 (Comando Operacional de Tropas de Intervenção nº2), recebemos instruções do novo comandante de Sector – o anterior, oficial superior muito prestigiado, foi apeado do comando e obrigado a apresentar-se ao MFA em Lisboa –, para intensificarmos a actividade operacional. Disse-nos esse personagem: *“os turras andam dias e dias no mato, comem e dormem lá; vocês vão fazer como eles, só assim é que podemos ter êxito nas nossas operações”*. Felizmente, esta situação terminou tão rapidamente quanto começara, com o afastamento deste (i)responsável.

Numa das operações que, já depois do 25 de Abril, a minha companhia realizou, na nossa zona de intervenção, como disse próxima do Quitexe, ocorreu um episódio curioso, que merece ser relatado. Patrulhávamos uma zona de mato, caminhando por uma picada, quando, de repente, deparámos com um pau espetado no chão dessa picada, no qual estava pregada o que nos pareceu ser uma carta. Com as devidas precauções, dei instruções a um dos sargentos para ver o que era, e confirmou-se que era mesmo uma carta, carta essa que nos era dirigida. E dizia a carta, muito sucintamente: *“Então deu-se o 25 de Abril para acabar com o fascismo e com esta guerra contra a terra que nos pertence, e vocês, soldados, continuam a comportar-se como se fossem elementos da PIDE? Têm que parar imediatamente com a vossa actividade e abandonar esta terra que é nossa.”* A carta, assinada por alguém que se intitulava comandante da guerrilha da zona, continuava neste tom por mais alguns parágrafos, terminando com um pedido totalmente inusitado: *“podem-nos arranjar o livro “Portugal e o Futuro”, do Gen. António de Spínola?”*

Entregámos a carta ao comando do nosso Batalhão, que, correspondendo ao pedido da guerrilha da zona, mandou comprar e depois entregar-nos o livro em causa, que deixámos na mesma picada e no mesmo local onde havíamos encontrado a mencionada carta.


Algum tempo depois actividade operacional cessou totalmente, e a minha companhia, tal como muitas outras que actuavam noutras regiões do território angolano, foram deslocadas para Luanda, com a finalidade de fazer a segurança dos bairros periféricos da cidade, onde a situação era muitíssimo tensa. Todos os movimentos de libertação contra os quais havíamos lutado – FNLA, MPLA e UNITA –, já estavam instalados em Luanda, e a nós, Forças Armadas Portuguesas, cabia-nos o papel de arbitrar conflitos e de manter a ordem pública até à passagem do poder para os angolanos. Foi um período muito difícil, com muitos incidentes, muita desordem e muitos conflitos entre a população branca e a população negra da cidade, os quais causaram dezenas mortes de civis.

No final de 1974, informaram-me que tinha sido designado um outro capitão miliciano para me substituir, o que aconteceu também com todos os outros capitães oriundos do CPC, cujo tempo total de serviço militar obrigatório somava muitos anos. Caso aceitasse, poderia terminar de imediato a minha comissão e regressar ao nosso “cantinho à beira-mar plantado”. Foi o meu presente do 25 de Abril.

Em 04 de Janeiro de 1975, embarquei no Boeing 707 dos TAM (Transportes Aéreos Militares), com destino a Lisboa, onde cheguei no dia seguinte. Cumpridas as formalidades de passagem à disponibilidade, retomei a minha vida normal, de cidadão civil. Vim encontrar um país que quase não reconheci, muito diferente do que havia deixado no final de 1973, ficando com, pelo menos, uma certeza: os meus futuros netos não seriam obrigados a viver as experiências amargas e perturbadoras impostas ao avô.

**Carlos Duarte**






# Desfiando o fio da escrita

## **Depois do longo Inverno cinzento**

E,  
Por fim  
O dia clareou  
Fez-se manhã  
O sol brilhou  
Deu ainda mais cor  
Aos cravos frescos  
Vermelhos,  
As chaimites  
Vieram p´ra ficar  
O governo vacilou  
O povo o enterrou  
E,  
Até hoje  
A luz ficou  
Ofuscante e viva  
Na memória  
E sempre,  
Naquela manhã  
Voltaram  
Ficando  
Os sonhos sonhados  
O povo sorriu  
O povo gritou  
Juntamente  
Com os soldados  
LIBERDADE

**Faustino Vital**



# Desfiando o fio da escrita

## **Não fechem as portas**

Quantas vezes

Procuramos em vão

Uma amizade

Que nos dê a mão

Que nos oiça o falar

Que nos entenda

E nos perdoe se mesmo

O nosso diálogo errar

Mas,

Eu olho então

Para mãos fugidias

Ouvidos que não me ouvem

Mentes que não me entendem

E diálogos que são mudos

Um encontro que não existiu

Uma amizade que não apareceu


Num tempo que não aconteceu

Então

Eu sei que tudo isso me desaponta

Mas, tentem não fechar essa porta

**Faustino Vital**



# Desfiando o fio da escrita

**25 DE ABRIL DE 1974, SEMPRE**

**CANTO I**

AS ARMAS E OS MILITARES ASSINALADOS  
QUE, DAS TERRAS SANTARENAS PARTIRAM,  
POR MONTES E VALES SEMPRE MARCHANDO,  
PASSARAM AINDA ALÉM DAS LINHAS DE TORRES,  
EM PERIGOS E GUERRAS QUE ESPERAVAM  
MAIS DO QUE PROMETIA A FORÇA HUMANA,  
E ENTRE GENTE DA CAPITAL EDIFICARAM  
NOVA LIBERDADE, QUE TANTO SUBLIMARAM ;

**CANTO II**

E TAMBÉM AS MEMÓRIAS GLORIOSAS  
DAQUELES QUE FORAM OPRIMIDOS  
QUE TIVERAM FÉ, CORAGEM E ESPERANÇA  
QUERENDO LIBERTAR-SE DO JUGO VICIOSO  
DO GOVERNO QUE ENTÃO ANDAVA DEVASSANDO;  
E AQUELES CUJAS RESISTÊNCIAS VALEROSAS  
SE VÃO DA LEI DA MORTE LIBERTANDO,  
- CANTANDO ESPALHAREMOS POR TODA A PARTE,  
SE A TANTO NOS AJUDAR O ENGENHO E ARTE

**CANTO III**

CESSEM DOS DESCRENTES E MALDIZENTES  
DE TODO O IMENSO TEMPO QUE PASSOU;  
CALE-SE A POLÍCIA DO ESTADO E A REPRESSÃO  
DE TODAS AS INJÚRIAS E TORTURAS QUE FIZERAM,  
QUE EU CANTO O PEITO ILUSTRE LUSITANO,  
A QUEM O ESTADO E GOVERNO OBEDECERAM  
CESSE TODA A MENTIRA DE LONGA DATA  
QUE OUTRO VALOR MAIS ALTO SE ALEVANTA.

## **CANTO V**

DAI-ME UMA FÚRIA GRANDE E SONOROSA,  
MARCHANDO COM CHAIMITES E SOLDADOS,  
CANTANDO ALTO DE FORMA BELICOSA,  
PELO ASFALTO NA SUBLIME MADRUGADA  
COM CAMPOS VERDES PONTILHADOS DE PAPOILAS,  
GENTE NOSSA QUE A SORTE SEMPRE AJUDA;  
QUE SE ESPALHE E SE CANTE NO UNIVERSO,  
SE TÃO SUBLIME PREÇO CABE EM VERSO,

## **CANTO XIV**

NÃO DEIXARÃO OS MEUS VERSOS ESQUECIDOS  
AQUELES QUE, EM LISBOA DEPOIS DA AURORA,  
SE FIZERAM POR ARMAS TÃO SUBIDOS,  
NOSSA BANDEIRA SEMPRE VENCEDORA;  
UM SALGUEIRO MAIA FORTÍSSIMO E OS TEMIDOS  
QUE VERGARAM PARA SEMPRE O REGIME DÉSPOTA,  
ONDE OS CRAVOS FORAM MAIS VIVOS QUE CARMESIM  
E O POVO JAMAIS ESQUECERÁ UM MOVIMENTO ASSIM.

**Faustino Vital**



# Desfiando o fio da escrita

## Anúncio de jornal

Eram 6H00 quando aterramos, mas demoramos ainda mais 15 minutos até sairmos do avião e pisarmos solo.

As formalidades da chegada foram bastante simples e céleres. As instalações de imediato nos “diziam” estar em África.

A mim parecia-me tudo ligado ao encanto de África. Diz-se que sente saudades de Coimbra quem nunca lá viveu, mas de África sente-se uma saudade diferente, é uma atração hipnotizante de liberdade e desprendimento.

África deriva do egípcio af-rui-ka, que significa “para virar em direcção ao Ká”. O Ká é o dobro energético de cada pessoa e de “abertura do Ká”, que remete para o útero ou berço. África seria para os egípcios “o berço”.

O Luís Pompílio de novo seria o motorista de mais esta aventura e aguardava-nos no jeep. O Pompílio é um jovem africano de 25 ou 26 anos, forte de olhos grandes sorriso aberto e com uma enorme vontade de de novo nos abraçar. Por disponibilidade da empresa estaria ao nosso serviço durante toda a estadia.

Chegamos ao hotel, com a ideia de tomar um banho e descansar da longa viagem de 8h00, mas a excitação de África fez-nos esquecer o tal descanso e optar por um passeio que o Pompílio nos conduziu pela cidade. A marginal voltou a estar linda. O novo passeio marítimo no início da marginal para a ilha, pede “meças” a qualquer jardim no mundo.

O jornal, no carro, chama-nos a atenção para um anúncio na contracapa: “Precisa-se pessoa muito alegre. Oferece-se casa cheia de luz”. Questionamos o Pompílio sobre o anúncio e ficamos a saber que já teria respondido, mas a resposta recebida, leva-o a manter-se ainda em reflexão sobre o aceitar ou não.

Sabe é da uma “Missão” no Calumbo dos padres Passionistas.

A missão do Calumbo nós conhecemos há mais de 15 anos, quando dois missionários ali se foram instalar com a ideia de anunciar o evangelho e alfabetizar toda a comunidade local e de proximidade. Viviam numa casa térrea em condições precárias. Camas improvisadas com pseudo colchão cheio com capim um mosquiteiro em redor para se defenderem dos mosquitos. Tinham um velho gerador a gasolina barulhento para lhes oferecer o conforto eléctrico para a noite. Um velho frigorífico a petróleo ajudava na conservação de alimentos, nomeadamente uma ou outra peça de caça que conseguiam ou lhes ofereciam, e os muitos peixes que pescavam no Cuanza

Mas Pompílio porquê este tipo de anúncio? Sabe diz-nos o Pompílio “a casa cheia de luz” que oferecem é aquela que bem conhece junto ao rio Cuanza. (O rio Cuanza é o maior rio de África. Nasce em Mumbué, município de Chitembo, Bié, no Planalto Central de Angola O seu curso de 960 km desenha uma grande curva para norte e para oeste antes de desaguar no Oceano Atlântico na Barra do Cuanza a sul de Luanda.) (wik).


Quando por aqui os visitou e a empresa ofereceu o primeiro equipamento decente que os padres usufruíram, (Gerador de grande capacidade, arca congeladora, colchões, lençóis, camas, ar condicionado, frigorífico e outras pequenas coisas), eles de imediato começaram a reconstrução da casa colonial para troca de habitação ao mesmo tempo que iniciaram a construção do seminário e escola.

A “pessoa muito alegre”, é para ser responsável pelo infantário a nascer, onde esperam uma entrada inicial de mais de 100 crianças. Quando telefonei a saber o que era, e souberam que eu estava do outro lado, porque me conheciam e sabiam do meu modo de ser, insistiram que aceitasse. Tenho o curso de docente do ensino básico, e isso muito lhes agradava. Juntei a família e falei disto. A minha mulher está indecisa pois sempre viveu aqui por Luanda. Olhe não sei como vai acabar, vamos ver! Pompílio amanhã vamos visita-los e levas a tua mulher para ela conhecer o local e o que oferecem. Vamos mesmo lá? Sabe que o seminário e a escola já funcionam e são do melhor em Angola. A população aumentou muito por ali. Eu desde miúdo nunca liguei a religião, mas depois de conhecer o trabalho daquela gente tenho mudado a minha maneira de pensar sobre o assunto. Não sei se acredito em Deus ou não, mas pode crer que a fé por eles transmitida às pessoas dá que pensar. É muito diferente ouvi-los ou ouvir outro qualquer padre em Luanda. Há um fascínio que não sei explicar no modo como se dirigem e ajudam as pessoas.

É isso Pompílio. És um rapaz alegre, transmites essa alegria de modo simples e mereces bem uma casa cheia de luz para todos os teus.

Encosta aí. Vamos beber uma Cuca e logo se vê onde jantamos. Dá cá mais um abraço!

**Fernando Baptista**



# Desfiando o fio da escrita

## Ó quem procura sabe

Há um ditado que diz: “A única coisa constante na vida é a mudança”. Muitos acreditam nele como verdade. Na passagem dos dias, as pessoas que conhecemos, o que vemos, as emoções sentidas, nunca permanecem as mesmas. Impreterivelmente as pessoas hoje, não serão o mesmo amanhã, como não são o que foram no passado. Tudo que conquistámos, que adquirimos ou ajudamos a construir pode ser retirado num piscar de olhos. Mesmo as nossas emoções são muitas das vezes imprevisíveis. O que sentimos de determinada forma, provavelmente hoje não sentiremos de igual modo. Neste mundo confuso, nada é permanente, a não ser a própria mudança. Tudo na vida vai e vem, porém há algo que não se altera: O passado. O dicionário define “passado” como o que está acabado, completo, e já não está mais na existência, oportunidades ignoradas e eventos acontecidos.

No fumo do cigarro que não fumo, olho a minha mão como parte íntima do meu corpo. – Mão, como vais? – Tens sido muito importante por toda a minha vida. Estás sempre comigo. Com o teu poder agarrei e soltei coisas, antes que alguém mal interpretasse. Foste sempre minha companheira. Hoje promovo-te. Será mais que a extensão de um membro, serás minha guia, meu apoio para memorizar qualidades fundamentais que contigo farei. Largar o preconceito (virando a página); abraçar a vida, os amigos, afirmar EU SOU (na vida, na escrita e no pensar), acariciar quem quero e gosto (com a ternura do último poema). Escrever a LIBERDADE ainda que muitos queiram cortar-me a mão (e as pernas) hei-de sempre, com a coragem da juventude, erguer-me um pouco e contigo libertar os amigos de sempre. Vou de novo jogar o pião, o berlinde, e principalmente regressar “ao meu cantinho no sótão”. Com os temas e poemas que sempre me fascinaram. Afinal hoje encontrei o poema, mas não encontro mais o sótão nesta manhã de chuva intensa, como lágrima perdida e recuperada.

É sábado e o dia corre manso. Os pequenos rebentos de plantas delicadas começam a ratear o espaço angular entre o empedrado dos passeios e o começo dos prédios. O tempo flui, majestoso, e apetece-me, de súbito apetece-me, escrever uma louca composição sobre a Primavera. Paro, um instante, para reflectir, para perfilar um par de ideias, ouço a vozes espaçadas de quem passa. Reencontro-me em legendas que redigi, apressado, no término de fatigosas manhãs; nos poemas humildes que disse a amigos e desconhecidos, de algum modo fecundadores de velhos sonhos e de remotas esperanças; É sábado, todavia. O meu reconstruído coração, gasto, porventura por uso imoderado, pasma de uma reflexão inconclusa, sobre o debruar de velhos acontecimentos tornados inesperadamente novos e inusuais, porém não encontrados.

**Fernando Baptista**



# Desfiando o fio da escrita

## **Sejam cravos, sejam rosas!**

Em 24 de Abril de 74

E pela noite dentro

Enquanto o povo dormia

A revolta tornou-se o centro!

Era meia-noite

E na rádio tocou

Grândola Vila Morena

E a Revolução começou!

Pela madrugada de 25

Ao Carmo fui parar

Vi cravos nas espingardas

E a ditadura acabar

Passados 50 anos


Muito falta cumprir

Sejam cravos, sejam rosas

O Povo não pode dormir!

**Francisco Lourenço**





# Desfiando o fio da escrita

## **Querida netinha Matilde e querido Netinho João**

Minha doce menina de oito anos e meu corajoso rapagão de cinco, apesar de ainda serem muito jovens e não entenderem bem tudo o que vos vou contar, decidi que hoje era o dia ideal para vos falar de um acontecimento que mudou a minha vida e a de todos os portugueses: A REVOLUÇÃO DE 25 DE ABRIL DE 1974.

Aconteceu há muito tempo, quando eu estudava em Lisboa e já namorava com o vosso avô Jorge. Sabem que a polícia prendia os namorados que se beijavam na rua? Era por isso que a avó e o avô só andavam de mão dadas.

Também era proibido criticar o governo. As pessoas viviam com muito medo de serem presas. Havia uma polícia especial que vigiava as pessoas. Os presos eram torturados e muitos eram enviados para prisões muito perigosas. Uma delas, no Tarrafal, era tão má que lhe chamavam a frigideira. Algumas pessoas até morriam lá. A avó teve muita sorte em não ir parar à prisão porque, às vezes, participava numas reuniões às escondidas. Alguns estudantes combinavam encontros secretos para cantarem canções que eram proibidas e para falarem contra o governo. Muitos livros estavam proibidos. Até a Coca Cola era proibida! Os portugueses não viviam em LIBERDADE.

Na vossa escolinha os meninos e as meninas brincam juntos, mas em Portugal, nessa altura isso era proibido. As raparigas e os rapazes estudavam em escolas separadas.

Muitas pessoas não sabiam ler nem escrever. Os trabalhadores ganhavam pouco e muita gente passava fome. Havia muita pobreza. Não havia supermercados, nem telemóveis. Portugal não era tão bonito como é agora.

Os rapazes quando faziam 18 anos eram enviados para a guerra, para muito longe. Os pais e as mães choravam muito porque tinham medo que os filhos não voltassem. Alguns morriam lá e outros voltavam feridos.

Então, na noite de 24 para 25 de Abril, um grupo grande de soldados muito corajosos entrou em Lisboa com carros de combate e muitas espingardas para prenderem o presidente e os políticos que governavam o País.

Quase houve uma guerra. Felizmente tudo correu bem e em vez de balas as ruas encheram-se de cravos e de pessoas em festa. É por essa razão que nós dizemos que foi a REVOLUÇÃO DOS CRAVOS. As ruas encheram-se de gente a cantar e a gritar de alegria: O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO.

Desde esse dia, os portugueses vivem em liberdade. Podemos votar para escolher os governantes, dizer o que pensamos sem termos medo. Ler e escrever o que quisermos. Até dizer mal do Governo sem medo de sermos presos. As pessoas podem abraçar-se e beijar-se na rua. Vestir-se como querem e até beber Coca Cola à vontade.


Portugal desenvolveu-se muito e está muito diferente. O nosso País é muito mais alegre e bonito. Mas precisamos estar atentos para não permitir que nos tirem a LIBERDADE.

Eu sei que vocês dois vão crescer e vão querer viver num País LIVRE.

Nunca esqueçam o acabo de vos contar.

Amo-vos muitoo

**Graça Cêncio**



# Desfiando o fio da escrita

## **“O PROBLEMA NÃO É METER O MUNDO NO POEMA O PROBLEMA É TORNÁ-LO HABITÁVEL”**

O meu nome é Poema. Nasci de forma espontânea. Não fui planeado e não precisei de nove meses de gestação. As primeiras estrofes reflectem a minha infância com ingenuidade e pureza.

Depois cresci e o mundo ficou multifacetado. Conheci gente de todas as raças e credos. Visitei os mais recônditos lugares do planeta. Vivi múltiplas experiências, desde a alegria mais genuína à tristeza mais dorida. Sofri intempéries, desastres e guerras. Padei de fome e falta de amor. Cantei amores e paixões. Alimentei revoluções contra a tirania e a injustiça. Rejubilei de fé e esperança.

Agora, que o fim se aproxima, sinto-me perdido. Estou confuso e sem saber se o meu mundo é habitável.

**Graça Cêncio**



# Desfiando o fio da escrita

## **“O PROBLEMA NÃO É METER O MUNDO NO POEMA O PROBLEMA É TORNÁ-LO HABITÁVEL”**

O poema é habitado por imagens

Que saíram da inspiração

E nos levam em viagens

Num mundo de perfeição

O mundo não é poema

O mundo não é ilusão

O homem vive em dilema

Entre discórdia e união

Quem dera poder povoar

O mundo com homens bons

Com vontade de espalhar

A harmonia dos sons

E acabar com as guerras

Para a paz poder fluir

E cultivar áridas terras

Para todos poder nutrir


E banir toda a maldade

Que vive nos corações

E criar uma irmandade

Que abarque multidões

**Graça Cêncio**



# Desfiando o fio da escrita

## Do pré ao pós-25 de Abril 74

Assinalar os 50 anos do 25 de Abril 74 é pincelar algures por muito pouco do muito que acontecia antes, aconteceu pelo meio e depois. Opto por focar uma das incontornáveis figuras de então e ainda de hoje, bem como por uma breve nota do meu próprio vivido em tão histórico período.

Na década de 60 do século passado conheci Eduardo Gageiro em pessoa no estabelecimento do pai, o Sr. Gageiro, proprietário de uma casa de pasto em Sacavém, povoação situada à beira do Tejo na outrora 'cintura industrial de Lisboa' que albergou a célebre *Fábrica de Loiça de Sacavém* (1850-1994), facto não alheio ao posicionamento sociopolítico de Gageiro, tido o envolvimento de Sacavém na contestação do regime em que se vivia e na reivindicação de condições que melhorassem a vida das populações mais desfavorecidas.

Nascido em Sacavém, em 1935, cedo obtive o meu primeiro emprego no escritório daquela fábrica. O mundo artístico em que se movia e o gosto pela fotografia vieram a fazer dele o fotógrafo de renome nacional e internacional que conhecemos.

Reencontrei-o pessoalmente há umas semanas na *Factum*, uma exposição de mais de 150 fotos suas na *Cordoaria Nacional* precisamente no âmbito das celebrações dos 50 anos do 25 de Abril.

Um encontro por acaso. Coincidiu ele lá estar e disponível na hora em que visitei o local, o que deu para conversarmos um pouco e até para que fosse tirada uma foto a ambos. A conversa levou-nos aos ditos anos 60, tinha ele entre 25 e 35 anos. Já então era homem de cumprimento afável. Guardo na memória que aparecia em casa e desaparecia a correr de equipamento às costas, de reportagem em reportagem, sem sequer ter tempo para comer. Aliás, veio à tona na conversa um dos almoços havidos (Sorrisos...) dada a relação de amizade dos nossos pais. Numa das vezes, nem um convidativo pargo assado saído da cozinha do estabelecimento familiar o reteve. Vinha esfalfado, apenas trocou de material fotográfico e partiu sem mais.

Pressas e correrias devidas ao conturbado período de então, prenúncio do que veio a ser o pré e pós-25 de Abril, de que são testemunho a branco e negro a quase totalidade das fotos ora expostas.

São imagens do período 1960-1999, cuja temática em geral passa pela precariedade de condições dos trabalhadores do Alentejo, pela emigração (principalmente para França e Alemanha) com saída por S. Apolónia e Vilar Formoso, pela vida popular e operária, pela religiosidade à época (Fátima, Santa da Ladeira), pelas inundações de 1967, pelas manifestações estudantis e cargas policiais, pelo próprio dia *25 de Abril*, pelas manifestações do 1.º de maio, pela libertação de presos políticos...

Acrescem umas 5 dezenas de fotos individuais de figuras de proa da política e cultura do no país, tais como capitães de abril, posteriores presidentes da república, Sophia, Torga, Vieira da Silva, Cutileiro, Zeca, Amália, Eunice e muitos outros.

Curioso foi aperceber-me, quanto a estas fotos e pelas respetivas datas, que foram predominantemente tiradas antes do 25 de Abril, revelando uma sensibilidade do fotógrafo e relacionamento autor-fotografado mais pelo reconhecimento das potencialidades culturais e políticas deste ou desta personalidade pública em si mesma do que por cargos posteriormente assumidos como aconteceu com muitos casos no pós-revolução, dando até lugar a serem novamente retratados/as como ali consta.

Outra curiosidade, foi detetar uma particularidade quanto às legendas das fotos. Fora do que é comum, Gageiro redigiu breves textos e não propriamente legendas, os quais colocados sob as fotos, são testemunho pessoal e contributo histórico a considerar e reter.

Do muito que relembrei porque contemporânea do período que a Exposição retrata, bastante mais aprendi ainda. Em *forma*, pela indiscutível e sobejamente reconhecida qualidade técnica e estética das imagens. Em *conteúdo*, pelo manancial informativo de cada foto, quer expresso quer subjetivo. Forma e conteúdo que fazem de Gageiro o artista que é.

Sem me alongar, é irresistível aqui transcrever ao menos duas das citações retiradas desses textos escritos por Gageiro.

Com um deles, fiquei a saber que Salgueiro Maia, a respeito de uma sua foto em cima duma chaimite ao sair do Terreiro do Paço, disse a Gageiro: “*venho a morder o lábio para não chorar. É que o 25 de abril venceu-se ali*”.

Com um outro texto e tal como aconteceu com Gageiro, aprendi também algo que Cardoso Pires lhe ensinou: “*um livro de fotografia tem de ser como um filme*”.

Isso mesmo, *Factum* é também um filme. Um filme da nossa História recente, da imediatamente antes, da durante e das primeiras décadas após o 25 de Abril.

Estive lá!!! Antes, depois e no próprio dia. Estive na hora de assomar a primeira chaimite à boca da Rua da Prata, vinda do Terreiro do Paço...

Vi-a em direto, do 4.º andar do n.º 90 da Rua da Prata (o meu local de trabalho nessa altura).

Rever em *Factum* a foto em que Gageiro captou essa cena primeira de há 50 anos foi reviver esse momento e muito mais. Foi como que ver de novo a primeira chaimite e a coluna que a precedia, seguindo até ao cruzamento com a Rua da Conceição e pararem frente às varas que fecharam aquele quarteirão, aí desviando com destino que desconhecíamos e que, face à rapidez com que tudo se desenrolou, em pouco ficou às claras: lam da Baixa para o Largo do Carmo...

Entretanto, dado que nos Serviços se entrava obrigatoriamente às 9.00h, eu incluída, todo o pessoal estava retido na Empresa por imposição da administração, pois esta não acreditava que a insurreição vingasse. Só cedeu por ordem militar perto das 11.00h e o edifício foi evacuado.

Éramos quase todas mulheres, salvo os dirigentes (Com a mobilização dos homens para a Guerra Colonial passara a haver forçosamente emprego para a mulher ao contrário do que sucedia anteriormente). À chegada à rua, ainda estava tudo muito no início e os militares interditarão-nos a

aproximação à coluna militar já a poucos metros de nós, mandaram-nos seguir em sentido oposto e para casa (A pé! Os transportes não funcionavam e, no meu caso, como morava junto do Instituto de Medicina Tropical, à Junqueira, o percurso viável dado os cortes de ruas foi via – imaginem!!! – Praça da Figueira, Av. da Liberdade, Campo de Ourique, R. Maria Pia, Alcântara Terra, Alto de Santo Amaro, Calçada da Boa-Hora e sem vivalma por a população ainda estar a aceitar ficar em casa...).


O que a seguir se passou no país é conhecido já que foram notórias e imediatas várias consequências da Revolução de Abril, nomeadamente, a liberdade de informação, de reunião, de manifestação, de criação de partidos, eleições livres com a decorrente Assembleia Constituinte, bem como demais consequências sucedâneas com destaque para as político-económicas.

No quadro de outras consequências palpáveis a breve trecho e mais ligadas à minha formação e intervenção pessoal, não será demais lembrar que tínhamos um país de gente de pé descalço, sem saneamento básico, com elevada mortalidade infantil, baixíssima escolaridade, isolamento das populações do interior pela falta de vias de acesso e não proximidade de serviços, etc., etc. ...

Tudo isto levou a uma reviravolta ao se fazerem chegar esgotos e água canalizada mesmo a lugares recônditos, à celeridade da resposta a nível da saúde em geral com prioridade na saúde materno-infantil, ao se facilitar a associação das pessoas em função das suas preocupações mais prementes como no caso dos deficientes (O que testemunhei pessoalmente não só com consultas *pro bono* de crianças deficientes mentais a fim de que tivessem acesso a Centros então criados e a elas destinados, como também como profissional em Paralisia Cerebral com a equipa da zona Centro a que pertencia, em que fomos junto de famílias de toda a região mobilizá-las para consultas das suas crianças com elevado grau de deficiência motora e outras deficiências, retidas nas suas casas de chão de terra batida, junto de lareiras, em caixotes a fazer de alcova, numa total ausência de assistência!!!).

Era assim e mais! Objetividade de análise, no mínimo, dos últimos 60 anos ajudaria Portugal...

**Luísa Machado Rodrigues**



# Desfiando o fio da escrita

## Micas Jardim Craveiro

Era a hóspede mais discreta naquele “Lar “ de estudantes. Na madrugada do dia 25 de Abril de 1974, tornava-se inesperadamente o centro das atenções, a anunciadora da Revolução dos Cravos! Mas, vamos à história. Nos anos de ditadura que antecederam o 25 de Abril de 74, as regras de silêncio impostas conduziam, salvo raras exceções, a um enorme desconhecimento do que se passava e que apenas em sussurros as famílias comentavam nomeadamente o seu descontentamento com o Regime de então. Hoje torna-se difícil entender e só fazendo uma cuidada reflexão, regressando profundamente a essas memórias, nos apercebemos das alterações de atitude e linguagem que trouxeram para o quotidiano termos até então pouco usuais nomeadamente as palavras REVOLUÇÃO, DEMOCRACIA, INTENTONA, COMÍCIO, MANIFESTAÇÃO...

Antes, porém, finalmente chegava na noite de 24 para 25 de abril, o início de novos tempos cujos 50 anos de vida hoje celebramos. O regime do medo, do sussurro, da atrofia, do pesadelo, da perseguição, morria e tinha início a oportunidade da LIBERDADE.

Num “Lar” de Lisboa vivia a Micas, rapariga tímida e pouco comunicativa que na noite de 24 para 25 de Abril, pelas 5H da manhã, na sequência de um ruidoso toque de chamada telefónica, num pesado telefone preto de linhas rígidas a condizer com o pesado sistema bem escuro, alguém do outro lado da linha, pretendia falar com ela. Quem dormia mais próximo da porta e na parte inferior dum beliche, foi atender a chamada. Estabeleceu-se o alvoroço, quebrou-se o silêncio do descanso noturno e a Micas, que dormia na cama superior do beliche despenhou-se, projetou-se no chão, tal a surpresa da situação! Finalmente atendeu e de imediato começou a chorar. Rapidamente desligou, mas o choro continuou. As colegas muito agitadas rodeavam-na mas ela continuava inconsolável ... até que decidiu falar, perante tanta insistência, sobre o que lhe fora pedido para guardar como segredo.

Ninguém sabia que ela tinha um irmão, mais um Jardim Craveiro! Integrava a coluna militar que se dirigia de Santarém para Lisboa com a específica missão de depor o Regime. Comunicara-lhe essa circunstância bem como o perigo que corria e, portanto, ela deveria guardar segredo para não comprometer a surpresa que se preparava e que visava derrubar o sistema vigente perverso e odioso. A partir daí, as raparigas pouco informadas, questionavam sobre a situação e o que poderia acontecer. As opiniões divergiam, todas





# Desfiando o fio da escrita

opinavam e eram as mais velhas, finalistas que impunham as suas ideias, com alguma carga assustadora falando de provável falta de alimentos a curto prazo, cortes de gás e de água, enfim tudo que antes era inquestionável, tornava-se ali numa probabilidade ameaçadora à paz podre de então. Desenhavam-se modificações que não se sabia o que iriam provocar na sociedade. Os rádios e televisões alimentavam este ambiente de insegurança e as raparigas, já em plena manhã de sol, resolveram correr para a mercearia mais próxima e investiram em água e bolachas garantindo assim a sua sobrevivência. Tanta ingenuidade! A Micas acalmou um pouco, também garantiu o seu sustento. Depois de almoço dirigiram-se todas ao Largo do Carmo, coração da Revolução dos Cravos. Aí a preocupação já não recaía sobre as bolachas mas outra dimensão se apresentava: a incógnita sobre a rendição de Marcelo Caetano. O aparato inerente não deixava ninguém indiferente. O povo em massa ali concentrado subia às árvores, as máquinas fotográficas não tinham descanso, todas as imagens eram necessárias para registar a história que dava ali passos muito significativos; o mínimo movimento agitava os ânimos que em uníssono gritavam frases que se imortalizariam. A tarde declinava, o céu empalidecia e finalmente acontecia a tão desejada rendição. A Micas Craveiro ficou mais tranquila, tudo fora pacífico, o CRAVO ganhou lugar de destaque no cano das armas, tornou-se icónico, o irmão Craveiro rejubilou de alegria assim como a massa humana ali concentrada. O perigo que espreitara fora substituído naquele memorável DIA pela esperança num sistema mais justo onde as pessoas poderiam manifestar-se em liberdade num futuro que prometia igualdade e o povo unido jamais seria vencido! Para alguns eram também os primeiros passos de politização, nova linguagem e responsabilidade emergiam. Decorridos 50 anos celebramos a vitória do virar da página da história do nosso País, os craveiros floriram e conquistaram o seu lugar nos nossos corações que habitam neste Jardim à beira-mar plantado. Gratidão a todos que arriscaram desafiar o então regime do medo, da ignorância, do obscurantismo, da perseguição, do pesadelo, do sussurro....

**Maria de Lourdes Santos**




# Desfiando o fio da escrita

## **Abril 74**

Aconteceu a almejada noite  
Que tardava, que parecia  
Não mais acontecia  
Aconteceu a queda do açaimé  
Que a palavra tolhia  
Aconteceu a solidariedade  
A liberdade que o país queria  
Aconteceu Abril...

**Maria Silveira**



# Desfiando o fio da escrita

## L'Aeroporto è chiuso

Quero tanto comprar uma peruca. E não são caras. Dão um jeito quando o cabelo já não está bem, e num instante fico penteada.

Fica para o fim porque já não temos muito dinheiro.

O dia hoje está lindo e o avião é só mais tarde. Já arrumámos as malas, vamos ficar aqui pela esplanada. Depois vamos num táxi. Mas hoje por aqui ninguém trabalha ? É dia de semana ! Nem jornais ...

Olha, são horas de irmos. E levo já a peruca posta. Bem gira.

Passaporte, bilhetes ... Me dispiace, ma l'aeroporto è chiuso.

Perché ? No lo so. Oggi è un giorno festivo qui in Italia.

E agora ? Já não temos dinheiro quase nenhum, o que fazemos ? Vamos à Embaixada. Trim, trim, trim ... será que ninguém atende ? Trim, trim, trim ...

Sim - diz uma voz feminina - queremos subir, precisamos de saber o que se passa em Portugal. Com dificuldade, lá entrámos com gente por ali colada às paredes com ar duvidoso e medroso. Houve uma revolução e não sabemos muito. Quero falar para Portugal, preciso de falar com a minha mãe. Não podemos ... Podem sim, são a embaixada. Estou mãe. O que é que se passou ? Estamos em Roma e não podemos regressar porque o aeroporto está fechado. Está tudo bem ? E agora a minha mãe, na sua calma, que morava em Alvalade e não tinha ouvido notícias, responde: tudo calmo, não sei de nada ... Espera ... E foi perguntar à vizinha que tudo sabia.

E agora ? Não temos hotel ... vamos ver se podemos ficar onde estávamos até haver voo. E o dono do pequeno hotel deixou-nos ficar depois de perceber o que se passava. Depois quando chegarem a Portugal pagam, não se preocupem. Venham comer.

Dia seguinte, aeroporto de novo. Nada. Todas as fronteiras de Portugal fechadas. Voo na TAP mas logo que houvesse um voo ... (pode ser Ibéria) para Madrid sempre ficamos mais perto. Certo.

Olha, ainda bem que tenho a peruca. Com estas confusões ...

Conseguimos voo a 27 de Abril para Madrid. De seguida para a estação de comboios, Atocha. Um mar de gente vinda da Europa, aguardando a possibilidade de entrar em Portugal pela estação terrestre, a primeira que seria aberta, diziam. Conseguimos bilhetes, sem lugar marcado, num comboio a abarrotar. E eu grávida e de peruca, e de malas grandes. Que loucura viajar de malas grandes. Vamos, vamos ... No corredor, sentada em cima da mala (que sorte a mala ser grande!). A retrete está sem gente. Senta-te um pouco. Já vem gente. Sai.

E o comboio lá avançava com portugueses que pouco sabiam, mas com um desejo enorme de chegar. Fronteira aberta, que festa, já estamos em Portugal. Muita terra, pouca terra ... Entroncamento. Parámos. Porquê ? O que se passa ? Porque não andamos ? Lá veio uma informação. Há um comboio que vem de Paris e traz o Mário Soares. Estão à espera de saber qual o que passa primeiro. Por isso o Entroncamento. Aguardar, vozes a subir, cansaço ... Vai o nosso comboio primeiro. Lá vamos, pouca terra, muita terra.

28 de Abril. Estação de Santa Apolónia. Tanta gente aguardando Mário Soares. Para nós, era a minha irmã que contava o que se tinha passado naqueles dias de Revolução. Olha que peruca tão gira que tens, dizia ela.

Depois ... ninguém me tirou a festa do 1º Maio de 1974. Eu que tinha perdido a comoção daqueles dias de Liberdade. Junto ao Estádio ouvia “nem mais um soldado para as colónias”. E eu, grávida, sem saber se teria um rapaz, pensava: disto já ele se safou !

Claro que foi feita a transferência bancária do pagamento de hotel para o senhor em Roma, uma coisa nada fácil naqueles tempos sem cartões de crédito, de débito, e sem telemóveis. E ainda guardo, passados 50 anos, a peruca que comprei em Itália naquele ano de 1974.

**Marina Brandão Lucas**



# Desfiando o fio da escrita

## **MÃE! Mãe !**

Mãe ! Mãe !

Caí.

magoei-me.

dá-me aquele abraço.

aquele beijo que faz tão bem ao coração.

toda a dor passa no aconchego do teu regaço.

Mãe! Mãe!

quantas vezes posso cair agora

quantas tristezas

quantas alegrias tive pela vida fora

o calor de um abraço teu

o teu sorriso

a tua mão suave e protectora

são só lembranças de uma infância que se foi embora.

Mãe! Mãe!

como eu gostaria de te ter agora

**Mitú Branco**




# Desfiando o fio da escrita

## M ã E

Mãe a minha mão pequenina na tua  
o teu colo grande para me abraçar  
os teus sábios conselhos  
que gosto de recordar  
o teu riso alegre para me consolar  
Mãe, Mãe  
o teu beijo tão terno  
o teu aconchegar ao deitar  
que saudades minha Mãe  
quando anos mais tarde  
era eu que te beijava  
e aconchegava ao deitar

**Mitú Branco**



# Desfiando o fio da escrita

## **O naufrágio (Conclusão)**

Sim, estou esfomeado e agradeço a sua oferta, mas diga-me: que terra é esta onde vim parar? O homem respondeu-lhe: você está numa ilha, algures no Atlântico. Uma ilha? Mas que ilha, como se chama? Perguntou de novo o rapaz. Verdadeiramente ela não tem nome, por isso ela é a "Ilha desconhecida", respondeu o homem. É uma ilha bastante pequena; nem aparece na maior parte dos mapas. O rapaz não caía em si de espanto. Como era possível? E como poderia regressar a casa sem um barco? Enquanto jantavam, o rapaz tentava obter respostas, mas a fadiga tomava conta dele e já não conseguia raciocinar devidamente. O seu anfitrião ao dar-se conta do seu estado, rapidamente providenciou um saco de dormir num cantinho do chão da cabana, onde o rapaz se estendeu e logo adormeceu profundamente.

Dormiu como uma pedra e pela manhã bem cedo, foi acordado pelo intenso chilrear da passarada. Um cheirinho delicioso a café pairava no ar e uma espécie de pão sem fermento acompanhava-o. Onde arranja o café e a farinha, perguntou ao homem? Certamente vêm até aqui barcos com regularidade?! Isso não é possível, respondeu o homem. Como lhe disse, a ilha é praticamente desconhecida e a única enseada que permite a entrada de um pequeno barco, é a que já conhece. Está rodeada de recifes e só um marinheiro destemido ousa cá chegar. Felizmente tenho um grande amigo no Faial que de três em três meses, pega no seu veleiro e me vem visitar carregado com tudo aquilo de que necessito. E quando vem o seu amigo, perguntou o rapaz ansioso? Bom, está cheio de sorte. Talvez venha para a semana se o tempo permitir, mas nunca é muito certo, respondeu o outro.

Com esta informação, o rapaz ficou-se pensativo. A família ficaria preocupada embora estivesse habituada às suas ausências repentinas, mas nada podia fazer além de aguardar pela provável boleia. Sendo assim, só lhe restava dar uns passeios para conhecer a ilha e assim fez. Era de facto uma ilha pequena. Em algumas horas percorreu todo o litoral, parando de tempos a tempos para descansar e apreciar a paisagem. O mar imenso estava sempre presente, mais bravio a Norte, mais manso a Sul. As zonas rochosas, eram propriedade exclusiva das gaivotas e das cagarras sempre barulhentas. Nos dias seguintes acompanhou o homem à pesca e na apanha marisco.

À noite, sentados à porta da cabana, falavam das suas aventuras, ou ficavam em silêncio escutando o fragor das ondas do mar a embater nas rochas.

Os dias passaram rapidamente e tal como estava previsto chegou o amigo do Faial. Era um homem alegre e muito ativo que veio quebrar a monotonia da ilha. Claro que teria muito prazer em levá-lo consigo, mas primeiro teriam de fazer umas boas pescarias. Sucederam-se dias intensos e divertidos que contribuíram para que o rapaz se esquecesse dos momentos difíceis que tinha passado.

Chegou finalmente o momento da partida e foi com alguma tristeza que o rapaz se despediu do homem e da sua ilha, prometendo-lhe que um dia voltaria. E com esse firme propósito, embarcou alegremente na companhia do seu novo amigo do Faial que o ajudaria a chegar finalmente ao seu destino.

**Pilar Encarnação**






# Desfiando o fio da escrita

## Portugal é o meu país

Solo amável que me fez nascer  
Língua de entendimento  
Minha raiz  
Em tempos lhe bastaria  
ter pão de milho caldo verde na mesa  
e sonhar sem desejos  
Talvez um dia a coisa mudaria  
Deu em cultivar cravos vermelhos  
ser dono de si mesmo  
ter pensamento inconformado  
Foi abril que lhe deu asas  
Rasgou a noite e fez luar  
pela mão da claridade  
Foi abril que o levou a sonhar  
com desejos de olhar  
o céu azul em liberdade  
Encheu-se de esperança este meu povo  
Cultivou frutos de cores garridas  
e renasceu em ideias largas de novo  
Meu país  
Língua de entendimento  
Aqui sou livre  
Esta é a minha raiz

**Regina Ferreira**



# Desfiando o fio da escrita

## Que o tempo não “volte para trás”

1973, tempo de grandes mudanças na minha vida. Marido que parte para cumprir um serviço militar na Guiné numa guerra irracional e que só à distância de um oceano saberá do nascimento da primeira filha, da sua doença e da sua recuperação.

A vida corre rápida e as notícias mesmo controladas pela censura não impedem que se saiba do golpe militar sangrento no Chile que acontece a 11 de Setembro. Surge então a minha primeira tentativa de poder exercer o dever cívico de votar para as eleições para a Assembleia Nacional que decorreriam em Outubro. Votavam as mulheres instruídas, viúvas ou chefes de família por marido ausente. Talvez por essa razão recebi o meu boletim de voto já identificado com a lista A (a do regime) e acrescentaria eu que talvez por ser funcionária pública o sistema (ou a PIDE) o fizesse como forma de pressão para o voto. Os movimentos da oposição ao partido do regime, CDEs acabam por desistir por considerarem que não estavam reunidas as condições para eleições livres. Ficou assim a minha intenção reduzida a uma abstenção consciente.

A experiência como funcionária pública não foi nada gratificante, licença de maternidade de 30 dias (para as restantes trabalhadoras já era de 90 dias), salário muito baixo comparado ao que, posteriormente, me foi oferecido no privado, leva-me a mudar de emprego.

1974, as notícias das guerras nas ditas províncias ultramarinas vão surgindo controladas, mas em 16 de Março o primeiro vislumbre da insatisfação surge com uma tentativa de golpe de estado falhada. Alguns oficiais detidos e outros militares que participaram são separados e enviados para outras unidades do país. Nada melhor para propagar o “vírus” da revolta contra a situação no ultramar.

25 de Abril, 6.30h da manhã. O despertador toca e o pequeno rádio que me costumava acompanhar nas voltas matinais até sair para o trabalho está sintonizado para a Rádio Renascença. Estranho imediatamente não ouvir a voz do apresentador habitual do programa da manhã, e em vez disso ouço uma peça de música clássica, seguida duma marcha militar. O que me leva a verificar se está no comprimento de onda correcto.

Poucos minutos depois a emissão musical é interrompida e ouve-se o primeiro comunicado do intitulado Movimento das Forças Armadas. Tomo atenção às recomendações dadas, mas o meu primeiro pensamento foi para o golpe militar do Chile onde, do pouco que se ia sabendo tinham havido muitas mortes.

Preparei-me à mesma para ir trabalhar, cumprir a rotina de todas as manhãs, levar a filha de 1 ano a casa da ama que cuidava dela, correr para a estação do comboio da Amadora, minha morada na altura, para minha surpresa, o comboio não vinha tão a abarrotar de pessoas como habitualmente àquela hora da manhã. A minha preocupação em não faltar ao trabalho e poder ter uma falta injustificada fez-me não acatar as recomendações do comunicado do MFA como então passou a ser designado. Ao chegar à estação do Rossio o lugar parecia como se fosse uma manhã de domingo, com

pouquíssimas pessoas pela rua subo parte da Avenida da Liberdade onde já vi um ou dois carros militares.

No Laboratório onde trabalhava, tudo calmo, dado não haver a habitual quantidade de doentes. Pensei para comigo que eu e as minhas colegas parecíamos ter sido das poucas pessoas que não tinham obedecido às orientações do MFA para ficar em casa. Finalmente por volta do meio-dia a chefe mandou embora todas as que moravam fora de Lisboa com receio de que não houvesse transportes para regressarmos a casa.

De regresso à Amadora fui seguindo avidamente tudo o que ia acontecendo em Lisboa através duma televisão que existia em casa da minha mãe que morava perto.

Foram dias de muita ansiedade para mim, principalmente até se perceber que a independência das colónias iria ocorrer, a guerra era para acabar e os militares lá destacados haveriam de regressar.

Talvez destaque uma curiosidade laboral, a nossa chefe de laboratório que até ao dia 24 de Abril era uma pessoa muito autoritária, prepotente mesmo, com atitudes ditatoriais para com as subalternas, no dia 26 era já uma revolucionária esquerdista convicta do tipo “MRPP”, uma metamorfose perfeita à frente dos nossos olhos.!

1º de Maio. Neste dia do primeiro 1º de Maio das nossas vidas, há a 1ª grande manifestação livre. Todos os que participaram naquela manifestação que só poderá ser lembrada como uma explosão de alegria, felicidade e liberdade mesmo que para muitos essa Liberdade ainda não fosse bem compreendida.


Passados estes 50 anos em que o país mudou, a minha vida também e muito, sou das que continuo a achar que valeu a pena e que o meu pequeno contributo na sociedade pelo trabalho e pela actividade sindical em que estive envolvida fomos batalhando por um país menos desigual e mais justo.

Sei que passei às minhas três filhas estes conceitos de honestidade profissional, respeito pela diversidade, justiça social e liberdade de pensamento.

Recuando 75 anos e buscando lá no fundo da memória, talvez afinal, tudo isto tenha vindo do que ficou cá dos meus pais e avós, e dos conceitos da época que me foram transmitindo.

Aos Militares que prepararam e tornaram possível esta mudança no dia 25 de Abril , o meu sincero “Obrigada” !

**Teresa Melo**



# Desfiando o fio da escrita

## COMO EU VIVI O 25 DE ABRIL

As gerações que nasceram logo a seguir à chegada ao poder de António de Oliveira Salazar viveram cheias de medo mais de metade das suas vidas. Uns, os bem informados e com acesso a informação do estrangeiro, geriam o medo com cautelas, quer nas relações sociais quer no acesso ao conhecimento. Outros, viveram na escuridão da ignorância, particularmente aqueles que viviam no interior do país, onde a Igreja Católica, suporte do regime saído da revolta do 28 de Maio, dominava todo o tipo de eventos de ordem cultural ou recreativa. O “bom povo português”, submisso e manipulado, aceitava passivamente a propaganda dos valores de “Deus, Pátria, Família” – Não se discutia Deus e a Virtude; a pátria e a sua história; a autoridade e o seu prestígio; a família e a sua moral; não se discutia também a glória do trabalho e o seu dever. O homem das botas pensava e agia pelo país e quem assim não o entendesse ele tinha a razão da força para o impor – a PIDE, as forças de segurança e as prisões.

Tentativas houve, e muitas, para mudar a situação, sem sucesso. Como historicamente acontece, uma convergência de acontecimentos criou as condições para uma mudança do regime, que já não tinha qualquer tipo de apoios internacionais, exceto o do país vizinho, ele também uma ditadura fascista. Um conjunto de jovens capitães do Exército espoletou um movimento, de ordem corporativa no início, que se transformou numa revolução bem-sucedida, sem sangue, havendo apenas a lamentar a morte de dois civis assassinados por agentes da PIDE à boa maneira do costume.

Qual o contexto em que eu vivi o 25 de Abril? Antes de me casar, eu vivia no Bairro da Graça e tinha um grupo de amigos que costumavam reunir-se num café do Largo da Graça. Em dias em que não havia aulas ou estas acabavam mais cedo, o grupo juntava-se para falar de um pouco de tudo – economia, matemática, política e em particular comentávamos os movimentos que animavam o ISE- Instituto Superior de Economia, onde estudávamos. Era frequente que assim que uma determinada pessoa entrava no café mudávamos de assunto: “entrou o bufo”, falávamos em linguagem gestual. Era um tipo estranho, muito alto, com ar enigmático; o empregado do café apercebendo-se das nossas conversas aconselhou-nos a ter cuidado quando ele entrasse.

Nesta fase conheci dois amigos que me deram a conhecer leituras proibidas. Li pela primeira vez Marx, Lenine, Rosa Luxemburgo, Trotsky, em contraponto com autores recomendados, ex. Samuelson, Keynes e outros, da chamada Economia Positiva. Antes nunca tinha ouvido falar daqueles autores proibidos. Posteriormente, e com base nestas leituras, percebi melhor as grandes correntes políticas que animavam o ISE: MRPP, UDP, MES e outras. Nunca alinhei com essas correntes dominantes, nem antes nem depois do 25 de Abril. Mantive-me sempre um “não-alinhado”, que me dá a liberdade e o prazer de ter as minhas próprias leituras dos acontecimentos, sabendo pelo menos o que não quero.

Vivi o 25 de Abril de uma forma muito peculiar. Vale a pena explicitar alguns pormenores dos dias imediatamente anteriores a 25 de abril de 1974. Cumprido o serviço militar obrigatório, três anos e três meses, em Viseu, Leiria e Lisboa, arranjei emprego como tarefeiro na DAE- Direção de Arma de Engenharia, do Ministério do Exército, ao Campo de Santa Clara, na Graça. No mesmo edifício existiam também o Tribunal Militar e a Direção da Arma de Transmissões, onde muitos civis trabalhavam. Os soldados tinham sido mobilizados para a guerra e substituídos por civis, nas tarefas administrativas. Eu trabalhava das 13h às 19h, ia às aulas à noite e estudava de manhã. Neste regime, fiz o curso de Economia. No departamento onde eu trabalhava havia vários oficiais de engenharia, que vieram depois a ter papel preponderante na revolução: Cor. Vasco Gonçalves, Cor. Morais Barroco, Capitão Afonso, vários oficiais milicianos engenheiros, ex. Mário Neto, que posteriormente vim a saber ser um quadro do PCP, e posteriormente o Cor. Vasco Rocha Vieira, graduado em general para assumir o cargo de Diretor da Arma de Engenharia, depois da “colagem” que fez ao “Grupo dos Nove” – Vasco Lourenço, Melo Antunes e outros.

Nos dias anteriores à revolução, eu notei muitos movimentos fora do comum, oficiais a telefonarem com voz baixa e trémula, nervosos. Eu trabalhava, tal como muitos civis, homens e mulheres, na secretaria da Direção. Havia muitos concursos públicos para compra de equipamento, para empreitadas de engenharia e afins. Os oficiais solicitavam frequentemente documentos arquivados ou de processos em curso. Na véspera do 25 de Abril, eu entrei no gabinete do Diretor, Coronel Vasco Gonçalves, que me tinha pedido um papel sobre um concurso. Entrei e encontrei-o com a cabeça encostada ao vidro da janela. Disse-me secamente: “Deixe aí o documento e saia”. Só mais tarde, pelas notícias da televisão e dos jornais, percebi o alcance daqueles movimentos nervosos onde eu trabalhava. Surpresa: Vasco Gonçalves Primeiro Ministro!

Costumava levantar-me cedo para estudar. Na manhã do 25 de Abril, ouvi na rádio as primeiras notícias da revolução. Fiquei eufórico! Telefonei ao meu amigo Natalino a dar a boa nova e combinámos ir para a Baixa viver a revolução. Telefonei também para a minha noiva, já tínhamos combinado casar em agosto, e lembro-me que uma das coisas que lhe disse foi que eu já não iria ser

mobilizado para a guerra colonial, pois falavam em descolonização! Um dos meus maiores medos estava para desaparecer! Na realidade, eu tinha escapado à mobilização por ter tirado boas classificações nos testes que fiz em Viseu e Leiria, mas mais cedo ou mais tarde todos os que não tinham limitações físicas, como era o meu caso, iriam ser mobilizados. E talvez mobilizado como oficial miliciano, sem ter feito no meu tempo de serviço militar os treinos de armas como simples soldado – eu era escriturário amanuense! E não tinha tido semana de campo de treino de armas, porque foi no período em que Salazar caiu da cadeira e estavam todos os quartéis em prevenção máxima! Sortudo! Mas, ir para a guerra como oficial miliciano sem ter tido a devida preparação militar?! Um enorme risco, para além do desgosto!

Vimos para a Baixa lisboeta. Acompanhámos a coluna de Salgueiro Maia dirigindo-se para o Quartel do Carmo, sede da GNR, onde estava refugiado Marcello Caetano, Presidente do Governo. No Carmo, eu estava próximo do advogado Francisco Sousa Tavares, ele de megafone na mão a incentivar os militares e o povo. Foram momentos emocionantes! Tempo de espera, a multidão aos gritos de viva a revolução! abaixo a ditadura! liberdade, liberdade! A certa altura, Salgueiro Maia, depois de fazer avisos para a rendição, dá ordens para disparo de tiros à volta da janela do gabinete do comandante da GNR, virada para o Carmo, onde presumivelmente estaria Marcello Caetano. Grande expectativa: passaram longos minutos, até que apareceu um carro preto que se aproximou da porta de entrada do quartel da GNR. Saiu uns minutos depois, por entre a multidão curiosa. Vitória! Vitória! gritava a imensa multidão. Um dos dias mais felizes da minha vida!

Eu não preciso que me avivem a memória do que se passou no 25 de Abril, eu presenciei os acontecimentos principais!

**Vitor Carvalho**



# Desfiando o fio da escrita

Nova Atena - Universidade Sénior de Linda-a-Velha  
Coordenação e design gráfico - Midá Sá-Chaves